

NARRATIVAS DO TRABALHO DOMÉSTICO: A ENTREVISTA DE ANA

CAROLINE CARDOSO DA SILVA¹;
LORENA ALMEIDA GILL²

¹*Universidade Federal de Pelotas – carsiucarou@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - lorenaalmeidagill@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta pontos debatidos na pesquisa de Doutorado em História, que trata do trabalho doméstico como categoria profissional, pensado historicamente. A pesquisa se baseia nas diretrizes metodológicas da História Oral, sobretudo a História Oral Temática, ou seja, se busca um perfil de trabalhadoras para, com elas, construir narrativas. A pesquisa se vincula aos estudos de trajetórias, experiências de trabalho e de vida, história social do trabalho, história das mulheres e das relações de gênero, entre outros conceitos/fenômenos sociais.

Para fins de análise, o texto escrito tratará de uma das entrevistas realizadas com as mulheres trabalhadoras domésticas, que cruzaram o caminho da pesquisa e cederam uma entrevista gravada de história oral. Para esta comunicação foi escolhida a narrativa de Ana, feita em dois momentos diferentes. Sua fala apresenta uma riqueza narrativa para pensar sobre os mundos do trabalho e suas intersecções de raça, gênero, faixa etária, entre outros pontos, de modo que deve ter um espaço para ser vista com mais atenção e exclusividade. O nome da narradora não será exposto, então ela será chamada de Ana¹.

2. METODOLOGIA

Muitos trabalhos acadêmicos são construídos a partir de mais de uma metodologia, contudo, é usual que uma delas seja a principal. Nesse trabalho não é diferente, já que há a análise de documentos variados, mas a principal fonte histórica analisada são as entrevistas realizadas a partir da metodologia de História Oral. De acordo com DELGADO (2010) a história oral é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, atrás de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais” (DELGADO, 2010, p. 15).

Como citado anteriormente, há o uso principal do tipo classificado como História Oral Temática (HOT), pensada por GILL e SILVA (2016):

Na História Oral Temática (HOT) o diálogo gira em torno de um tema (o da pesquisa). As perguntas não principiam desde a infância do narrador [...] a menos que esta questão tenha importância para o tema pesquisado. O roteiro básico tem um papel fundamental e deve ser bem planejado e elaborado para abordar com amplitude e profundidade o objeto-problema (GILL, SILVA, 2016, p. 7).

¹ Como SILVA (2021) cita sobre a troca do nome por pseudônimo, o “ocultamento dos nomes originais, em pesquisas que utilizam a história oral, ou metodologias de entrevistas, é algo rotineiro. Contudo, nessa pesquisa, isso se faz mais importante pela posição em que essas mulheres estão, e que, muitas vezes, relatam situações que não são interessantes que tenham seus nomes vinculados, pelo perigo de demissões ou retaliações” (SILVA, 2021, p. 21).

Para a realização das entrevistas que fazem parte do corpo documental da pesquisa, sendo a entrevista com Ana um desses casos, fez-se a elaboração de um roteiro básico contendo os seguintes principais eixos: a trajetória familiar, desde os pais da(o) entrevistada(o) até seus filhos e netos, se houver; como e porque começou a atuar no trabalho doméstico; como é a rotina atual de trabalho, e se ainda não for aposentada(o), relatar horários de chegada e saída do serviço, o que faz costumeiramente, se mora na casa dos empregadores ou tem sua própria casa, entre outros pontos; se tem algum envolvimento com o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas ou de sua cidade; se já moveu processos trabalhistas em algum momento; como foram as experiências de trabalho do passado, sendo no trabalho doméstico ou não; como foi viver o trabalho no período da pandemia de Covid-19; se há planos sendo executados, ou de futuro, para realizar cursos superiores, técnicos ou profissionalizantes, no geral, para uma ascensão de carreira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa construída com Ana é muito importante por uma série de fatores. Trata-se de uma mulher negra, pelotense, de 54 anos. Foi a primeira entrevista feita durante o curso de Doutorado em História, que tem como projeto o estudo do trabalho doméstico, no Brasil, e seus processos históricos. Foi realizada “à moda antiga” nos parâmetros da história oral, ou seja, feita presencialmente, tendo sido, em maior parte, realizada na casa de uma estudante² do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sendo um espaço propício e íntimo para que as histórias, memórias e temas de uma vida viessem à tona sem interrupções ou desconfortos. A entrevista foi realizada em dois momentos: o primeiro, em novembro de 2023, num domingo chuvoso, e sua gravação durou uma hora, três minutos e cinquenta e três segundos (01:03:53); o segundo, em março de 2024, num café do centro da cidade, e sua gravação durou vinte e quatro minutos e cinquenta e oito segundos (00:24:58). O motivo pelo qual houve dois encontros, foi a percepção de que o roteiro de entrevista do primeiro encontro estava incompleto, faltando questões sobretudo do período pandêmico de 2019-2022.

Ana trouxe, com sua fala e sua história, temas caros para se pensar no trabalho doméstico no processo de formação dos mundos do trabalho no Brasil e em Pelotas, Rio Grande do Sul, a principal base da pesquisa que está em construção. Sobre sua estrutura familiar e infância, ela narra: “Eu nasci e me criei na Balsa³, sempre morei com meus pais, e daí eles faleceram, a gente ficou morando ali. E minha infância foi boa, normal, eu não tenho nada assim... [...] se eu não formei na hora certa foi porque eu não quis, eu não posso culpar eles”.

Já sobre o período de adolescência, ela relatou sua primeira experiência profissional e sua primeira gravidez:

Eu engravidai muito nova, com 16 anos, eu tive a minha filha e criei ela praticamente sozinha. Eu convivia com o pai dela, mas não

² A partir do método bola de neve, é possível fazer pontes entre pessoas para que se lembrem e se indiquem umas às outras, criando uma rede de contatos e, “ademas, é bastante útil para pesquisar grupos difíceis de serem estudados ou acessados” (BOCKORNI e GOMES, 2021, p.107).

³ “Balsa (Pelotas, Sudeste, Rio Grande do Sul) é um bairro. Balsa encontra-se perto do bairro de Navegantes, assim como de Porto.” Informação retirada do site MapCarta. Acesso em: 17 de Agosto de 2025. Disponível em: <https://mapcarta.com/pt/N4721361579>.

morávamos juntos. Ele tinha problema com drogas e morreu muito cedo, com 35 anos. Mas eu nunca dependi dele, porque ele não tinha nem pra ele, quem dirá pra mim... [...] com 14 anos [...] não quis mais estudar por opção minha e eu fui pra uma casa de família ali perto de casa, mesmo. E dali eu não parei mais, engravidhei da minha filha, segui trabalhando até hoje.

Sobre uma experiência profissional marcante, Ana relata sobre seu principal trabalho, que foi de 1999 até 2021:

Eu trabalhei 21 anos, esse que eu saí em 2021. Eu passei muita coisa ali, que se um dia ele soubesse que foi isso, eles⁴ diriam que não. Mas foi o que eu conto, e eu não tô contando mentira. Porque foi 21 anos, eu admito que eu também tenho culpa porque eu fiquei ali porque eu quis, ela pagava bem na época. Na realidade hoje eu vejo assim, ela me comprava, porque ninguém parava ali. As pessoas passavam e diziam assim, 'tu é corajosa' [...]. E aí, ele era racista ao extremo, ele falava assim... falou uma vez, eu servindo a comida ele disse 'eu prefiro comer a comida daqueles negros lá de fora, do que comer essa lavagem' que, no caso, era a comida que eu fazia. Eu admito que a minha comida não era tão boa [...] mas imagina, eles não gostavam de cebola, eles não gostavam de sal. Como vai fazer uma comida boa assim? Não tem como. Às vezes, ela tenta remendar, mas aí, por fim, ela sem sentir, ela tava ficando que nem ele. Mas ela tinha uns momentos de lucidez que ela conversava, ela tentava ser minha amiga, me ajudou muito e eu reconheço. Mas o que eu me submeti, eu vejo assim hoje, eu que me submeti, foi demais. Era muito punk as coisas que eu escutava de boca dele. Até triste de ouvir e foram 21 anos assim. E a minha defensora era a filha deles, mas ela foi embora [...].

Sobre novas perspectivas de trabalho e vida, Ana conta:

Eu já trabalhei em todas as áreas, quando eu tive desempregada, eu virei faxineira⁵. Virei faxineira, mas eu já limpei banheiro de evento, já trabalhei em restaurante [...]. Tudo que aparecia eu ia pegando. Agora eu to fazendo um curso de Gastronomia. Foi através de uma rifa⁶ [...] Agora eu tô querendo ir pro lado da gastronomia. [...] mas eu pretendo fazer também faculdade de Gastronomia, eu gosto muito.

Uma pesquisa em História sobre o trabalho doméstico, com foco em experiências e trajetórias narradas a partir da história oral, aborda importantes debates para os historiadores, como a construção histórica do Brasil contemporâneo, a História Social e História do Tempo Presente. Vindo ao encontro disso, SOUZA (2017) coloca que:

[...] a relação existente entre problemáticas sociais contemporâneas e o desenvolvimento dos estudos acadêmicos fizeram com que questões relativas aos trabalhadores domésticos emergissem em pesquisas e em discussões em diferentes áreas do conhecimento (...) na realidade, nos últimos anos, o tema trabalho/serviço doméstico se tornou um objeto comum de pesquisas e de debates sobre a história do Brasil. Isso aconteceu especialmente no campo da História Social do Trabalho, ainda que nas suas interseções e diálogos com outras esferas historiográficas, como a História das Mulheres, a História da Escravidão e da Pós-

⁴ Quando a narradora se refere a "eles", "ele" e "ela", ela está falando do casal de empregadores donos da casa na qual ela trabalhou.

⁵ Aqui, a narradora se refere ao trabalho por diária e/ou serviço, não como uma empregada fixa de uma casa.

⁶ Através da rifa, ela conseguiu recurso financeiro para pagar seu curso.

emancipação, a História Urbana e a História do Cotidiano (SOUZA, 2017, p. 20-21).

De acordo com BONEZ e BRITES, (2019, p. 856) “o serviço doméstico está vinculado a condições desfavoráveis de classe, gênero, raça e nacionalidade. Consolidou-se no Brasil enquanto atividade extremamente estigmatizada por heranças coloniais e de escravidão”. Esse processo de naturalização de características biológicas e de papéis socialmente construídos transformou a vivência das mulheres e, sobretudo, das mulheres negras, marcada por desigualdades de acesso a espaços sociais, políticos e econômicos.

4. CONCLUSÕES

A entrevista com Ana oferece uma rica contribuição para a construção de narrativas sobre o trabalho doméstico, considerando seus contextos locais, sociais e históricos. Em suas falas, Ana destaca a importância dos bastidores para que o cotidiano de trabalho seja percebido como bom ou ruim, saudável ou tóxico. Sua experiência mais longa no setor é marcada por aspectos negativos, como os relatos de conteúdo racista e grosseiro que ela ouvia no ambiente profissional. Em suas ocupações mais recentes, Ana ressalta ser bem tratada e destaca a proximidade que tem com os animais. Os novos empregadores (ou, dito popularmente, patrões) são pessoas que gostam de ter animais domésticos, um ponto recorrente em suas falas. Por exemplo, ao ser questionada sobre planos futuros de atuação em outras áreas, ela comenta que, desde criança, seu sonho era ser veterinária, por sempre gostar muito dos bichos. No momento da entrevista, no entanto, estava cursando um técnico em Gastronomia, vislumbrando também a possibilidade de ingressar no ensino superior na mesma área. Os mundos do trabalho revelam diversas dimensões, e estar em um ambiente saudável, com respeito à dignidade e afinidade de interesses, contribui para uma vida mais viável, inclusive com perspectivas de acesso ao Ensino Superior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021.
- BONEZ, M. C.; BRITES, J. G.. O trabalho de cuidado no sindicato das trabalhadoras domésticas de Pelotas, RS. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 9, n. 3, p. 854-875, 30 jul. 2020.
- DELGADO, L. A. N. **História Oral: Memória, Tempo, Identidades**. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.
- GILL, L. e SILVA, E. Perspectivas para a História Oral. In: Pedro Robertt; Carla Rech; Pedro Lisbero e Rochele Fachinetto. (Org.). **Metodologia em Ciências Sociais Hoje: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação**. Jundiaí, Santa Catarina: Paco Editorial, v. 2, p. 107-126, 2016.
- SILVA, C. C. **Trajetórias de trabalhadoras terceirizadas da limpeza na Universidade Federal de Pelotas (UFPel)**. 2021. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Departamento de História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.
- SOUZA, F. F. **Criados, Escravos e Empregados**. O serviço doméstico e seus trabalhadores na construção da modernidade brasileira (cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920). Tese (Doutorado em História) – Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2017.